

**359 - “O DESAFIO DE UMA A(NA)LFABETA”: O EXERCÍCIO DA ESCRITA E A EXPERIÊNCIA DE ESCREVER EM UMA TURMA DE EJA** - Ingrid Zacarelli Brito (Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro) - [zb.ingrid@iq.com.br](mailto:zb.ingrid@iq.com.br)

**Introdução:** Este trabalho tem por objetivo aprofundar reflexões sobre o ato de aprender, analisando os textos de alunos em uma classe de EJA, de Ensino Fundamental, na UNESP - Rio Claro (formada por funcionários do campus e pessoas da comunidade). Trata-se da continuidade de uma pesquisa que teve sua origem em um exercício de leitura e re-leitura de textos pessoais, produzidos diariamente em cadernos individuais de registro sobre as vivências nas aulas de Língua Portuguesa. Os cadernos foram propostos não como um produto a ser avaliado, mas como registro de um processo a ser compreendido: o ensinar e aprender a língua padrão. **Objetivos:** no primeiro momento, visava-se à reflexão do aprendizado da língua escrita, feita pelos próprios alunos. A continuidade do trabalho visa à reflexão sobre os processos de escrita e leitura referenciados pelas práticas culturais, sociais, históricas. **Métodos:** Ao focar o conteúdo dos textos, foram sendo delineados eixos de análise, aproximando-nos das “categorias de codificação” (BOGDAN, BIKLEN, 1994). Em um exercício de releitura do material produzido, algumas repetições, ou mesmo insistências em determinados assuntos, ou na forma como se referiam a alguns conteúdos, nos permitiram organizar algumas categorias de codificação, como a valorização do ensino da gramática, o reconhecimento da língua como norma culta e desvalorização histórico-social de si enquanto sujeito falante e usuário da língua, e o medo de escrever compreendido como político, nas relações que dispara. **Resultados:** Em nossas análises, ao retornarmos aos textos, produzido ao sabor de uma atividade diária que integra o fazer escolar e pedagógico, ao mesmo tempo que se configura como um espaço de um fazer próprio, vai se (des)velando no bojo do próprio texto, as marcas de uma certa exclusão de seus autores/ suas autoras. Outra leitura também é possível, quando detectamos que, ao dizer algumas circunstâncias da exclusão ao mesmo tempo, ele/ela inscreve sua inclusão marcando seu enunciado na/pela língua: a que lhe pertence, que domina e com a qual se comunica. Utilizando “sua” língua ele não se recusa a escrever, ao contrário, opina e reflete com ela, o processo ensino e aprendizagem por que passa. Deparamo-nos com indícios que demarcam as dificuldades de várias ordens, e também demarcam o exercício insistente (KRISTOF, 2006) dessa escrita que, para além de sentimentos, se utiliza de palavras que descrevem, no nosso entender, são textos prenhes de palavras que descrevem, caracterizam e marcam um praticar que é um querer, que borram fronteiras entre o saber e o não-saber, que demarcam uma condição própria de quem (se) vê como sujeito de uma ação, de uma experiência, de um pensamento, que demarcam uma condição de quem tem o que falar – escrever.